

A CAMPANHA DO CONTESTADO E AS OPERAÇÕES ANTIGUERRILHAS DOS BÁLCÃS

(Contrastes e Confrontos)

Cel Art NEWTON C. DE ANDRADE MELLO
Oficial de Estado-Maior

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

O presente estudo foi feito em 1962, quando me foi pedida uma colaboração para uma de nossas revistas militares. Por motivo de força maior, aquela revista suspendeu sua edição durante algum tempo. Tentei reaver meus originais, por não dispor de cópias dos croquis que os acompanhavam, mas não o consegui.

Parece-me que, pela natureza do assunto, escassamente conhecido nos meios militares e civis, o estudo mereça ser divulgado. Daí ter recorrido a "A DEFESA NACIONAL" para sua publicação mesmo sem os croquis elucidativos, que de momento não posso reproduzir, por falta dos documentos necessários. Resta pedir ao leitor interessado que recorra a mapas ou cartas atuais do PARANÁ, de S. CATARINA e da GRÉCIA, os quais permitirão melhor compreensão do texto e das operações.

1 — NOTA INTRODUTÓRIA

Não é nossa intenção, neste trabalho, aprofundar o estudo da Campanha do Contestado, seja no aspecto militar, seja no psico-social. Nem nos deteremos na classificação doutrinária militar do movimento irrompido na área contestada pelos Estados de S. CATARINA e PARANÁ, contestação cujas raízes são encontradas nos tempos coloniais.

Pretendemos, isto sim, focalizar semelhanças e dessemelhanças entre dois episódios distantes de três décadas e ocorridos em condições heterogêneas de cultura, tempo e espaço.

2 — PRIMEIRAS EXPEDIÇÕES AO CONTESTADO

Com a finalidade de pôr cõbro à desordem reinante nos sertões, os Governos de S. CATARINA, do PARANÁ e da UNIÃO para lá enviaram expedições militares sucessivas, de organização e efetivos va-

riáveis. A primeira de vulto, de iniciativa do Governo paranaense, foi comandada por oficial do Exército então no comando do Regimento de Segurança do PARANÁ, no posto de Coronel, o qual morreu bravamente nos campos de PALMAS, num entrevêro com o próprio chefe dos fanáticos (1), o "monge" José Maria. O combate ocorreu em 22 de outubro de 1912. As expedições seguintes foram de responsabilidade do Governo Federal, eis que, alastrando-se o movimento, os Governos estaduais interessados apelaram para o Presidente da República.

Organizaram-se, destarte, seis expedições, constituídas de Unidades da antiga 11ª Região Militar (que tinha jurisdição militar sobre os dois Estados), com reforços eventuais de outras Regiões. A última, sob o comando de um General, veterano de Canudos e nomeado para a 2ª Brigada Estratégica com o fim especial de dirigir as operações no Contestado, conseguiu penetrar no reduto de S. Antônio, após intensa luta. Foi, todavia, uma vitória de Pirro. Como de hábito, os jagunços não se aferraram. Resistiram como puderam, e defluíram quando oportuno, para nôvo reduto, através da mata tão conhecida dêles.* No dia seguinte, quando a tropa se preparava para deslocar-se, foi surpreendida com violento fogo proveniente de todos os lados e até das copas das árvores. As baixas então computadas excederam as registradas nas jornadas anteriores. Sem recursos para a perseguição no terreno inóspito, e contra adversário traiçoeiro, o comandante da expedição houve por bem retrair para as proximidades de União da Vitória. Dias depois, dava por finda a missão e dissolvia as colunas de operações. Era 30 de maio de 1914. Ficou no Contestado apenas um batalhão, do valor de 200 homens, sob o comando do Capitão Matos Costa, que instalou o PC naquela cidade.

Seria o caso de pensar, à luz dos fatos descritos, que o movimento declinara. Longe disto. Aos sertanejos desatinados pelo misticismo viriam ajuntar-se aventureiros da pior espécie e bandoleiros famosos. Ao fim de algum tempo, os fatores da desordem eram múltiplos, alguns de cunho político, outros ligados à secular questão de limites ou a reivindicações de terras. Em setembro, os fanáticos, de plano, intensificaram os atos vandálicos, atacando localidades e populações indefesas, saqueando, incendiando, roubando fazendas. Nessa oportunidade é que sucumbiu em combate o Capitão Matos Costa, trucidado pelos jagunços.

O Governo Federal resolveu, então, empregar maiores recursos para debelar o movimento. Nomeou inspetor (ou comandante) da 11ª Região Militar ao General Setembrino de Carvalho, fornecendo-lhe efetivos superiores a 6.000 homens, com a participação de Unidades do RIO GRANDE DO SUL, de S. PAULO, de MINAS GERAIS, do DISTRITO FEDERAL e do RIO DE JANEIRO.

(1) Usamos o termo "fanático" sem qualquer sentido discriminatório ou intencional. Era usado na época dos acontecimentos e o é hoje, nas referências a êles.

3 — A EXPEDIÇÃO SETEMBRINO

Os jagunços não possuíam organização militar nem instrução adequada. Eram multiforme o armamento, variando do facão de mato à espada curva ou reta, da espingarda "pica-pau" à Winchester, do revólver SW 38 ao Nagant. Nos redutos se desenvolvia a vida social, religiosa e, rudimentarmente, a militar. Colunas volantes promoviam os saques e espalhavam o terror nas localidades e propriedades rurais.

De tudo sabedor, o General Setembrino, que assumira o comando da Região em 12 de setembro de 1914, estabeleceu o seguinte plano:

- a — efetuar largo cêrco dos fanáticos, começando pelos centros mais populosos;
- b — privá-los de quaisquer recursos provindos de fora da área de operações;
- c — estreitar o cêrco paulatinamente;
- d — evitar submeter a tropa à ação desmoralizadora das emboscadas.

Para a execução dêle, organizou "linhas", em número de quatro:

- a — a "Linha Norte", sob o comando do Coronel Júlio César Gomes da Silva, compreendendo as regiões de Rio Negro, Canoinhas, Barreiro e Poço Preto e contando inicialmente com os 29º e 56º BC e 30º BI (do 10º RI);
- b — a "Linha Oeste", sob o comando do Coronel Eduardo Artur Sócrates, compreendendo as regiões de União da Vitória, Legru, S. João, Calmon, Rio Caçador, Herval e a ponte sôbre o Rio Uruguai e contando inicialmente com os 51º e 57º BC e os 14º BI (do 5º RI) e 16º BI (do 6º RI);
- c — a "Linha Sul", compreendendo as regiões de Campos Novos, Passa Dois e Curitiba e contando inicialmente com o 54º BC;
- d — a "Linha Leste", compreendendo as regiões de Papanduva e Itaiópolis e contando inicialmente com o Regimento de Segurança do PARANÁ.

De setembro a novembro se processou a concentração das Unidades, havendo duas delas feito percursos a pé de 180 quilômetros (o 58º BC, de Niterói) e 251 quilômetros (o 54º BC, de Florianópolis).

Após melhor informar-se sôbre o terreno e o inimigo, o comandante da expedição rearticulou o dispositivo da seguinte forma:

- a — "Linha Norte":

Cmt Coronel Onofre Ribeiro;

PC — Canoinhas;

Limite Norte — União da Vitória — Rio Negro;

Coluna Móvel constituída de:

12º e 16º BI;
 56º BC;
 1 Esq/14º RC (2 Pel);
 1 Pel E/2º BE;
 1 Sec Ambulância;
 1 Pel Trem.

2 — “Linha Leste”:

Cmt — Coronel Júlio César;
 PC — Rio Negro;
 Limite Leste — Rio Negro — Papanduva;
 Coluna Móvel constituída de (previsão):
 10º RI;
 Reg Seg do Paraná;
 2 Sec/2ª Cia Mtr;
 1 Pel/14º RC;
 1 Sec/2º RAM;
 1 Sec Ambulância;
 1 Pel Trem.

c — “Linha Sul”:

Como a frente atribuída à “Linha Sul” fôsse extensa e pobre de vias de transporte e de meios de comunicação, não lhe foi dado comando unificado. Coube-lhe adotar o seguinte dispositivo:

58º BC — Freguezia do Sul (10 de outubro);
 54º BC — Lajes (13 de outubro);
 Dest Maj Paiva (constituído de contingentes dos 4º, 5º e 6º RC)
 — Campos Novos (27 de outubro).

d — “Linha Oeste”:

Cmt — Cel Eduardo Sócrates;
 PC — União da Vitória;
 Limite Oeste — ferrovia S. Paulo — Rio Grande.

Composição:

51º BC (mais contingentes do 8º RI) — desdobrado entre Marcelinô Ramos e Rio das Antas;
 1 Cia/14º BI — Rio Caçador;
 Contingente do 5º RI — Calmon;
 Contingente do 14º BI — Nova Galícia.

Confrontando-se tal dispositivo com o Esboço n. 1, verifica-se:

— foram ocupados os centros demográficos e econômicos mais importantes;

— a ferrovia que cortava, embora excêntrica, a área de operações do Norte para o Sul, estava sob controle militar;

— as regiões de Marcelino Ramos e Lajes, que davam acesso à área pelo Sul, encontravam-se ocupadas, sendo que a primeira por forças da 12ª Região Militar (RGS) postas à disposição do comandante da expedição;

— além da ocupação dos pontos-chave do território, seriam efetuadas operações ofensivas;

— configurava-se o cerco dos fanáticos em grandes linhas.

4 — A EXECUÇÃO DA OPERAÇÃO SETEMBRINO

A natureza do terreno condicionou, mais que outro fator, o ritmo das operações ofensivas. Vias de transporte precárias, vegetação florestal, aclives acentuadíssimos, inúmeros cursos d'água, cujo valor era agravado com as chuvas constantes — eis a síntese rápida do taboleiro em que tiveram de atuar as forças do Exército no Contestado. Por outro lado, o adversário não oferecia frente contínua. Muito ao revés. Os redutos espalhavam-se numerosos pelo território, adensando-se principalmente no terço superior d'ele. De começo, os ataques visavam determinados redutos, aqueles que mais perigo ofereciam à segurança das localidades importantes e das próprias forças militares. Após eles, a tropa volvia aos estacionamentos. Com o decorrer do tempo, já dotada a expedição de novos meios, suas ações vão adquirindo sentido global, o cerco vai estreitando, os contornos da área adversa vão se definindo com precisão.

Na segunda quinzena de janeiro, já batidos alguns dos mais expressivos redutos, o comandante da expedição baixou Ordem de Operações na qual determinou ações convergentes pelas quatro colunas, já então a do sul comandada pelo Coronel Estillac Leal. O inimigo, nessa época, praticamente se confinava ao território delimitado, grosso modo, por Rio Caçador, Areião, Salseiro e União do Timbó. As Unidades procedentes de outras Regiões já estavam incorporadas à expedição, incluindo-se o 9º RC e a 4ª Cia Mtr, do RIO GRANDE DO SUL, e excluindo-se o 43º BI, de S. PAULO, que chegaria em março.

Durante o mês de fevereiro, sucedem-se os ataques aos redutos, convergindo as colunas do Norte, do Leste e do Sul, enquanto a de Oeste garantia a via férrea e suas imediações. No fim daquele mês, a resistência armada centralizava-se nos redutos de Caçador e de S. Maria, cujas defesas naturais os valorizavam como pontos fortes. A Coluna do Sul investira-o por duas vezes, sem bom êxito, a segunda já em 2 de março. Vários dias desse mês foram consumidos no preparo do ataque final, durante os quais se levaram a efeito inúmeros reconhecimentos agressivos.

No fim de março, o escalão de ataque da Coluna Norte achava-se na região de Reichard, o da Coluna Leste na de Chico Melo, a fim de agir em estreita ligação com a Coluna Norte, e o da Coluna Sul, na base dos 51º, 57º e 58º BC e 14º BI, empenhado em ações sôbre o reduto de S. Maria.

O escalão de ataque da Coluna Norte compunha-se de elementos de diferentes Unidades (12º, 16º e 43º BI e 56º BC) e de vaqueanos, totalizando aproximadamente 500 homens, sob o comando do Capitão Tertuliano Potiguara. Partiu êle de Reichard em 28 de março, e no mesmo dia tinha de fazer face a algumas resistências esporádicas. Não tendo sido estabelecido contato com os elementos da Coluna Leste, prosseguiu direto a Caçador e S. Maria, sempre pelejando. No dia 1 de abril, encontrava-se diante do primeiro daqueles redutos, que expugnou após várias horas de árdua luta, contra inimigo numéricamente superior, cujos mortos ascenderam a 109. Arrasava no mesmo dia o reduto Maria Rosa, onde os jagunços deixaram 58 cadáveres. Aí bivacou para facultar breve repouso à tropa, enterrar os mortos e instalar hospitais de sangue. No dia seguinte, liquidava o reduto do Aleixo, prosseguindo sôbre Santa Maria na jornada de 3. Penetrar nêle não foi difícil. O "arraial sagrado do fanatismo" estava aparentemente abandonado. Ao cair da noite, irrompeu o tiroteio cerrado dos jagunços. A luta prosseguiu no dia 4, já escassa a munição e quase nenhum alimento. Os homens do Capitão Potiguara, sempre estimulados por sua bravura incomum, passaram da defesa ao ataque, dêste à perseguição. E puseram fim à Campanha do Contestado. Durante 8 dias percorreram em combate cêrca de 100 quilômetros, perdendo 2 oficiais, 59 soldados e 106 solípedes e ocasionando ao inimigo aproximadamente 600 baixas fatais.

5 — A OPERAÇÃO "ÁGUIA REAL"

Nos meados de 1943, os alemães montaram uma operação em larga escala contra os guerrilheiros gregos, a cargo do XXII C Ex Mth, que dipunha da 1ª Div Mth e da Div Salônica. O efetivo inimigo era estimado entre 6.000 e 8.000 homens.

Estabelecendo o QG em Metsovan, XXII C Ex atribuiu à 1ª Div Mth a frente compreendida entre aquela cidade e Leskovic, passando por Yannina e Vasilikon. A Div Salônica era responsável pela frente compreendida entre Korca e Metsovan, incluídas nela Bilisht, Kastoria, Neápolis e Yrânia. Entre Leskovic e Korca, estabeleceram-se pontos-fortes, com o fim de garantir a estrada de ligação das duas localidades e bloquear as possíveis saídas dos guerrilheiros. Estes, tão logo souberam do desembarque das forças alemãs na área, retraíram para as montanhas, sendo os seus passos acompanhados pelo reconhecimento aéreo.

No fim da primeira jornada, elementos da 1ª Div Mth encontravam forte resistência ao norte de Metsovan, enquanto a Div Salônica tinha de repelir uma tentativa de rutura na frente de Grevena. No segundo

dia, a luta pronunciou-se feroz, ainda, e prolongou-se até o dia seguinte, quando a 1ª Div Mth envolveu o bolsão guerrilheiro de Metsovan, verificando que grande parte dos defensores haviam escapado para noroeste. Na região de Pentalofon, 1.500 guerrilheiros foram comprimidos na operação de cêrco que durou dois dias. A operação "Águia Real" custou aos guerrilheiros 567 mortos e 976 prisioneiros, além de um botim valioso. Mas, tão logo os alemães abandonaram a área, voltaram a reagrupar-se.

6 — CONTRASTES E CONFRONTOS

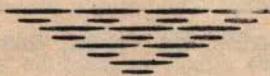
Nos dois episódios, a concepção da manobra foi idêntica. A execução, todavia, diferiu de todo em todo: lerda, aqui, fulminante, lá.

Num caso, fôrças regulares mal equipadas e impróprias ao teatro de operações atuando contra adversário desprovido de organização militar, mas atreito ao terreno, valente e obstinado; noutro, um exército bem aparelhado e adequado à natureza da área de operações, agindo contra a guerrilha organizada, instruída e combativa.

Aqui, não houve motivação psicológica para a luta, fratricida em essência; lá, batiam-se inimigos rancorosos, uns invadindo a pátria alheia, outros defendendo-a.

Num caso, um fenômeno social de raízes internas — a rebelião; noutro um fenômeno social irreversível — a guerra. No primeiro, os meios preventivos foram relegados, os suasórios repelidos, os repressivos inadiáveis; no segundo, só a violência teve lugar.

Trata-se, para nós, de uma página da história nacional tarjada de crepe; para êles, de um canto de glória. Para vencedores e vencidos.



Não nos esqueçamos. Quaisquer que sejam os progressos da técnica, a vitória é fruto da vontade e da moral.

Gen Tristão de Alencar Araripe.